

Fragmentos para uma transversalidade

Henry Krutzen

Neutralidade – anonimato – abstinência (Mitchell, 1997)

Existe uma batalha a partir do ideal da neutralidade. O que acontece quando se decide não participar mais deste combate? Qual a alternativa?

Primeiro: precisamos de considerar a participação da analista como inevitavelmente subjectiva.

Questão da contratransferência: o que fazer com ela?

A encenação (*enactment*): uma ação comporta implicações interpretativas, e uma interpretação é uma ação.

As encenações já não são consideradas como “saídas” do campo necessário da interpretação, pelo contrário, providenciam exemplos poderosos sobre os quais as interpretações podem ser baseadas (ou não). Encontramos muitos casos (casos dos chamados “relatórios”) em que a ação deve antecipar o pensamento ou a fala porque apresenta algo inconsciente para ambos, paciente e analista. É algo não conhecido, não nomeado, que precisa primeiro de ser “habitado” e vivido no tratamento (Stern, 1997).

As alternativas:

A empatia (psicologia do *self* – Kohut, 1971), mas a empatia permanece também um ideal inalcançável.

A autenticidade (interpessoal): análise contínua da transferência/ contratransferência, como metodologia. Perpetua também o ideal de uma análise livre de influências (neutralidade).

O continente (Bion, 1963) – sem memória ou desejo. O continente substitui a tela branca ou o espelho freudiano.

O *holding*: o *holding* da experiência do paciente é uma visão exterior. “Vou aplicar o *holding* nesta paciente”.

Não interação – não saber (Bion, 1967; Lacan, 1965-1966) Objeto *a*. SSS. A analista não está presente.

Desejar não ter desejo ou intenção?

Lembrar-se de não ter memória, nem desejar ter desejo?

Os tradicionalistas não podem ser verdadeiramente neutros, os *selves* não podem ter empatia perfeita etc.

Enfim... Engajar-se no processo.

Aspirar a quaisquer preconceção e posição vai aniquilar as possibilidades de outras atitudes e respostas.

Exemplos: atenção flutuante, *rêverie*, atuação, não intenção, empatia...

Temos Momentos de *rêverie*, ações, interpretações, atenção flutuante.

Questão: Qual o estado do *Self* que é evocado no encontro com este paciente? Qual a versão?

Abertura para um fluxo de posições variáveis, um processo mutatório, com diferenças em que todas podem ser objectos de interesse.

Essa posição não é simples, nem ingénua, e requer um longo treinamento (ver meditação no budismo ou *mindfulness*). É caracterizada por estados do *self* e organizações em deslocamento, descontínuas. Presume, naturalmente, que a mente é gerada num campo interpessoal de influências recíprocas (Fonagy, Gergely, Jurist, Target, 2002), escutando/ouvindo e seguindo vários níveis de significações ao mesmo tempo, como na música improvisada.

Assim, a analista aprende a entrar num processo que tem várias linhas, de maneira simultânea, várias respostas afectivas e organizações.

A analista tem diferentes tipos de mentes analíticas. Essas mentes não precisam de funcionar e permanecer num equilíbrio, em suspensão. A analista pode circular entre essas mentes, voltar, avançar, deslocar-se, saltar...

Às vezes é rápida, às vezes é lenta.

Às vezes continua numa linha, às vezes muda de linha.

Às vezes é silenciosa, às vezes participa com interpretação, fala, ação ou revelação. Ou não participa.

As leituras tornam-se muito importantes como inspirações possíveis. As leituras como circulações nas redes analíticas, entre *rêverie* (Bion, 1962), identificação projectiva (Klein e neo-kleinianos), *holding* (Winnicott), terceiro analítico (Ogden, 1994), afinação afectiva (Stern, 1985), experiência não formulada (Stern, 1997), auto-revelações (Maroda, 1991; Ehrenberg, 1992).

A analista pode responder de maneira diferente, em sessões diferentes, em vários momentos de uma mesma sessão ou entre pacientes diferentes. Ou não responder.

A transversalidade entre teorias, escolas, instituições e sessões. A análise como *surf*. A análise como improvisação, *jazz* (Krutzen, 2020).

Nesse sentido, cada sessão pode entrar numa rede e história co-construída pela díade. É claro também que, nessa rede, estamos a seguir alguns fios, desconsiderando outros. Mas essa posição facilita uma mudança de fio ou o acesso a qualquer sub-rede ou rede superior da hierarquia.

Existem escolhas a cada momento, numa base implícita (que será pensada no só depois – *nachträglich*), que é o próprio processo. Não protege de erros, mal-entendidos e todos os fenómenos que cada analista conhece quando perde o fio.

Há momentos para se ficar quieto e silencioso, para interpretar, para agir, para expressar um sentimento, uma fantasia. Ou não.

Cada um participa neste processo implícito, querendo ou não (micro-escolhas, como diz Mitchell, 1997), que considera uma bússola pré-consciente, única para cada analista).

De que é constituída essa bússola?

Ela é uma integração única de:

- Própria análise (se for possível, com várias analistas);
- Leituras e estudos de modelos e conceitos;
- Experiência de vida;
- Conceitos teóricos (cruciais para a constituição de um sistema de referências à geometria variável).

Isso requer muito tempo a conhecer as ideias, movimentos, escolas, história... transformando algumas ideias, seguindo e abandonando outras.

Caveat: isso não é ecletismo, nem relativismo.

Repensar a Metapsicologia

Trata-se de uma integração conceitual com uma experiência de vida. Essa integração torna-se ponto de referência para poder orientar-se nas nossas micro-escolhas clínicas, com as próprias limitações e falhas que são nossas (o que requer, naturalmente, mais elaborações). Lembremos de Ferenczi (1932) falando dos seus erros com os pacientes.

No processo clínico, essas escolhas são rápidas demais para poderem ser pensadas

de maneira consciente no momento. Posso pensar de maneira retrospectiva e, por exemplo, dizer: “Essa *rêverie* onde eu estou agora parece ligada ao que a paciente está a falar? Ou está a levar-me para longe da situação?” Ou também “O que estou a sentir agora (sobre o paciente, ou não) pode ser útil para esse processo analítico ou não?”

Essas pequenas escolhas (decisões clínicas) só podem acontecer com incerteza e são possivelmente submetidas a revisões ulteriores.

Enfim

Um deslocamento pode ser o seguinte:

Da dialéctica da gratificação/frustração para outro eixo abertura/fechamento.

Assim

Qualquer caso clínico ou vinheta muda. Sai da sua posição de paradigma (exemplo emblemático) para se tornar um momento de escolha clínica, impossível para qualquer outra analista que não seja esta analista com este paciente.

Isso parece evidente

Mas tem implicações profundas.

A posição (não) é nova

Cada um lida com o implícito em jogo numa situação única, com uma paciente singular, e num estilo único. Pensar essa gestão implica uma transversalidade e uma nova metapsicologia/topologia.

Referências

Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. Imago. (Original work published 1962)

Bion, W. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Imago. (Original work published 1963)

Bion, W. (1967). Notas sobre la memoria y el deseo, *Revista de Psicoanálisis*, 26, 679-692.

Ehrenberg, Darlene. (1992). *The Intimate Edge: Extending the Reach Psychoanalytic*. Norton.

Ferenczi, S. (1985). *Journal Clinique, janvier-octobre 1932*. Payot.

Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E., & Target, M. (2002). *Affect Regulation, Mentalization, and the Development of the Self*. The Other Press.

Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. The University of Chicago Press.

Krutzen, H. (2020). *Estudos de psicanálise relacional*. Zagodoni.

Maroda, K. (1991). *The Power of Countertransference: Innovations in Analytic Technique*. The Analytic Press.

Lacan, J. (1999). *Séminaire L'objet de la psychanalyse [1965-1966]*. Association Freudienne Internationale. Unpublished document.

Mitchell, S. (1997). *Influence and Autonomy in Psychoanalysis*. The Analytic Press.

Ogden, T. (1994). *Subjects of Psychoanalysis*. Karnac.

Stern, D. B. (1997). *Unformulated Experience: From Dissociation to Imagination in Psychoanalysis*. The Analytic Press.

Stern, D. N. (1985). *The Interpersonal World of the Infant*. Basic Books.